

I CONCURSO LITERÁRIO DE CRÔNICAS: “É PRECISO SABER VIVER”**ANEXO II – FORMULÁRIO PARA TEXTO**

TÍTULO: MEU NOME
Nossos pais às vezes nos preparam uma surpresa que é para a vida toda. Tempo vai, tempo vem, e nós sempre nos deparamos com algo inusitado em relação à marca que nos foi ofertada, e eu tenho certeza que foi com muito carinho, e que vai nos acompanhar pela vida toda. O nosso nome.
De onde será que minha mãe Gracinha, tirou a ideia de me dar o nome de Lucimar? Será que foi um personagem de uma novela de sucesso da época na TV tupi? Ou de um filme que assistiu junto com o meu pai Luiz namorando no escurinho do cinema Broadway? Talvez o nome de um herói romântico de um belo livro de romance lido durante a minha gravidez pela minha mãe. Filosofando ... penso eu que em uma bela tarde na beira da praia de Marataízes, vendo a luz vinda do sol refletida no azul do mar ela pensou ... luz ... e mar ... minha mãe tenha juntado o nome desses presentes de Deus e formado o meu nome. É, talvez, pode ser, quem sabe não é?
Mas eu nunca tive a curiosidade de perguntar de onde veio o meu nome, já que eu sei que primeiramente ele seria Luiz Carlos, nome de meu pai, mas um primo que tinha mais pressa do que eu, nasceu dois meses antes e recebeu esse nome, e tem também o meu tio, irmão de minha mãe que se chama Luiz Carlos que é também meu padrinho. Eu não poderia ser um quarto Luiz Carlos na família, então recebi esse outro nome.
O tempo foi passando, e pela vida fui encontrando vários Lucimar, uns meninos, outros meninas. Na década de 1980, quando eu estudava no Polivalente do Coronel Borges, em minha sala de aula até apareceu uma menina que além de se chamar Lucimar, tinha o meu sobrenome também, Costa. E é sempre engraçado em nossos encontros até hoje – Oi Lucimar, tudo bem? - Tudo bem Lucimar, e com você? Em outra história, agora na década de 1990, que se passa em um de meus antigos empregos, em um escritório de contabilidade no Bairro Santo Antônio, conheci um rapaz que além de ter o meu nome, também nasceu no mesmo dia que eu, 15 de dezembro, só que 17 anos antes de mim. Ainda bem que foi ele, pois eu poderia ser 17 anos mais velho.
Já em 2008, quando preparava a programação da segunda Bienal Rubem Braga, aconteceu mais uma história com o meu nome, enviando email's para os convidados, aconteceu a seguinte troca de mensagens:
- Olá Zuenir Ventura, tudo bem? Agora entramos na reta final para fecharmos a programação para a Bienal Rubem Braga 2008. Estamos precisando de saber de qual cidade virá, para programarmos o custo do traslado e se você vem sozinho ou acompanhado? Como a sua mesa literária é na sexta-feira dia 06/06 às 09:30 da manhã, você não gostaria de vir na quinta-feira para participar da cerimônia de abertura da Bienal que acontecerá às 19 horas? Abraços, Lucimar.
E assim me vem a resposta:
- Lucimar querida: Com o maior prazer participarei da cerimônia de abertura. Portanto, iremos, minha mulher e eu, na quinta, dia 5, saindo daqui do Rio. Na volta é que a gente pretende passar por Vitória, mas ainda não é certo. Beijos, Zuenir.
Querida? Beijos? E agora? Depois de rir um pouco, só, como um bobo, na frente do computador, como eu, um simples mortal de Cachoeiro de Itapemirim, vou corrigir o engano de um escritor famoso como o Zuenir Ventura? Pensei, pensei, e mandei uma outra mensagem:
- Zuenir, meu amigo, me desculpe, mas eu sou “o” Lucimar. Sem problemas. Rsrrsrsrsrsrsrsrsrs. Não Entendi o seu transporte. Você vai vir de carro? Você pode me mandar o seu número de telefone para conversarmos melhor? Abraços de seu amigo, Lucimar.
E com medo de sua resposta recebo uma nova mensagem:
- Lucimar: console-se comigo. Somos companheiros de infortúnio. Pelo menos uma vez por semana alguém telefona dizendo: “Eu queria falar com dona Zuenir”. Aí eu digo: “É ela mesma que está falando”. Meu telefone (00) 0000.0000. Telefona sim. De preferência, fale com a Mary, minha mulher,

que é confiável. Quando fica por minha conta, sou capaz de marcar dois almoços no mesmo dia.

Forte abraço, Zuenir.

Ufa! Fico de novo como um bobo na frente do computador rindo sozinho, pois nunca iria imaginar que o Zuenir Ventura teria ganho uma marca de seus pais assim como eu. Mas tudo bem. Hoje eu até agradeço a eles por esta marca, se não fosse esse infortúnio, como disse o meu amigo de literatura, eu não teria histórias para rir e nem para contar, porque para sermos felizes e termos muitos amigos é preciso ter jogo de cintura e com certeza para ter vida longa é preciso saber viver.

Cachoeiro de Itapemirim – ES,04 de outubro de 2022.